



A CONSTITUIÇÃO DO EGO E SUPEREGO NA TEORIA FREUDIANA, QUE LUGAR PARA A EDUCAÇÃO?

Luzia Carmem de Oliveira (Associação Psicanalítica de Curitiba; Curitiba-Pr).

Contato: lcarmem@hotmail.com

Práticas em Psicologia Escolar

Palavras-chave: Educação. Psicanálise. Ego. Superego.

Este trabalho deriva de uma pesquisa maior produzida no mestrado de Psicologia na Universidade Federal do Paraná, com o objetivo de realizar um levantamento bibliográfico circunscrevendo a educação na obra de Freud, seguindo seu percurso teórico que aponta a essa temática. No presente artigo apresentamos um recorte dessa pesquisa buscando compreender a constituição das instâncias psíquicas ego e superego na teoria Freudiana, sob a questão: que lugar para a educação?

Destacamos que Freud não se dedicou em trabalhar especificamente acerca do tema educação, no entanto é possível observar ao longo de sua obra que a mesma ocupou lugar em suas reflexões, aparecendo em seus trabalhos de forma assistemática, imersa em outros assuntos. Após ter percorrido um extenso caminho profissional, poucos anos antes de sua morte, na Conferência XXXIV, ele declarou:

“apenas um tema eu não posso evitar assim facilmente, não porque entenda bastante ou tenha contribuído muito para ele. Pelo contrário, quase não me ocupei dele. Mas é tão importante, tão rico de esperanças para o futuro, que talvez seja o trabalho mais relevante da psicanálise. Falo de sua aplicação à pedagogia, à educação da próxima geração”, Freud (1933b, p307).

Quando Freud fez essa locução está fazendo referência, como ele próprio menciona, ao trabalho com as crianças realizado por sua filha Anna Freud, que fez disso “a tarefa de sua vida” (p308). Dessa forma, a filha tratou de reparar a negligência que o pai pensa ter cometido ao não ter se dedicado a trabalhar com crianças, visto que o tratamento pela psicanálise inevitavelmente



conduz à infância, sendo necessário, para compreender o sintoma, decifrar as particularidades psíquicas da infância. (FREUD, 1933b).

Desta forma questionamos qual a visão freudiana acerca da educação? Consta no *Dicionário De Termos De Psicanálise De Freud* uma definição de educação como “um incitamento à conquista do princípio de prazer e em sua substituição pelo princípio de realidade” (Cunha, 1978, p53). Essa afirmativa foi extraída da colocação de Freud em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911), onde ele destaca que o processo educativo ajuda na formação do ego. Essa assertiva possui uma complexidade visto que para Freud a realidade é algo diferente da realidade cotidiana, tratando-se da realidade do inconsciente, como destaca Lajonquière (1995).

Partindo da suposição de que o ego não existe desde o começo da vida do indivíduo e precisa ser desenvolvido Freud (1914) descreve a sua dinâmica de organização utilizando o narcisismo como ponto de largada. Inicialmente o narcisismo era compreendido pela comunidade médica como uma perversão da vida sexual da pessoa, porém à medida que a psicanálise foi se apropriando da frequência de tais traços em todos os indivíduos mostrou que os mesmos se encontram presente de modo regular na vida de todos, tirando-o do campo da patologia.

Para compreender o narcisismo e a constituição do ego se faz necessário conhecer alguns aspectos da sexualidade infantil. Desde os primeiros tempos da vida do bebê já se constata a presença da sexualidade em ação ou atividades sexuais, sendo uma delas o ato de chuchar onde os lábios da criança comportam-se como uma zona erógena¹ e sua estimulação produz uma sensação prazerosa. A criança recém-nascida traz germens de impulsos sexuais e nesta fase inicial do desenvolvimento a satisfação destas zonas é encontrada no próprio corpo, não estando dirigida ou associada à outra pessoa, Freud (1905).

A satisfação inicial vivenciada pela criança, originária da estimulação do próprio corpo, trata-se do autoerotismo que se apoia em uma necessidade vital, como por exemplo, a necessidade de alimentar-se que serve à preservação da vida. A urgência em repetir a satisfação encontrada no ato de ser alimentado perfaz no bebê a busca pela mesma no estímulo ao corpo, quando esse prazer não é provido pelo mundo externo, Freud (1905). Ou seja, quando a criança sente fome e não é prontamente atendida pelo ser materno, buscando a satisfação experimentada quando é atendida, estimula o próprio corpo tentando encontrar essa boa sensação. Dessa forma observamos o quanto esse período de espera vivido pela criança é essencial para o desenvolvimento das funções psíquicas, gerando uma diferenciação entre ela e o outro.

¹ “Parte da pele ou da mucosa em que estímulos de determinada espécie provocam uma sensação de prazer de certa qualidade”, Freud, 1905, p87.



Com o autoerotismo Freud introduz a ideia de que a sexualidade é composta por forças pulsionais (que são várias e não uma única força) e a satisfação das mesmas é sempre parcial, não havendo uma satisfação que esgote o movimento dessas forças, visto que elas encontram-se em constante movimento. Quando a criança começa a ser inserida no discurso da educação, no meio social, inicia-se a formação de outras forças psíquicas que funcionam como resistências contra as quais as pulsões precisam lutar. Essas resistências são os ideais morais e estéticos, o nojo e a vergonha, que possuem a função de delimitar as pulsões dentro de certa organização, no entanto quando aparecem antes das mesmas encontram força, acabarão por limitar seu desenvolvimento, Freud (1905). Sendo assim, a educação da criança possui a função de limitar o autoerotismo, Freud (1908).

Como as pulsões na vida do bebê são autoeróticas, ou seja, encontram satisfação no próprio corpo, até chegar à escolha do objeto (do mundo externo) uma nova ação psíquica ocorre, o narcisismo ou o desenvolvimento do ego, considerado o momento intermediário entre o autoerotismo e a escolha do objeto, Freud (1914). No entanto, para que o narcisismo se instale se faz imprescindível a presença do outro que nomeia as necessidades, experiências e partes do corpo da criança auxiliando na unificação deste corpo, ou seja, para que o infante se desembarace do autoerotismo entra em ação a educação no discurso do outro que provê seu mundo de estímulos, de palavras, de símbolos, fazendo com que a criança passe a se relacionar com o mundo externo.

O narcisismo divide-se em primário e secundário. “O ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele mesmo e a mulher que o cria, e nisso pressupõe-se o narcisismo primário de todo indivíduo”, ou seja, nesta fase inicial a criança sente a mãe como sendo uma parte sua não fazendo diferenciação entre os dois, Freud (1914, p33). O narcisismo secundário se dá quando a libido investida nos objetos é subtraída retornando ao ego que passa a ser tomado como objeto, quando da dissolução de uma relação entre o ego e o objeto. (FREUD, 1914).

Em 1923 no trabalho intitulado *O Ego e o Id* Freud amplia suas postulações acerca do ego afirmando que ele possui seu núcleo no sistema perceptivo-consciente, é uma organização coerente dos processos psíquicos e controla os processos parciais, liga-se à consciência responsável pela mediação com o mundo externo, mas uma parte sua também é inconsciente, imersa no recalçado, ele é um ego corporal. O ego trabalha permanentemente em função do recalque da sexualidade, visto que se não houver um tanto de recalque das pulsões isso seria algo mortal e sendo a instância que se relaciona diretamente com o mundo externo, acaba recebendo os estímulos provenientes da educação/do social/da cultura, se constituindo a partir disso e também mediando outras ações intrapsíquicas.

Em complemento a essa dinâmica, para que o sujeito possa ter controle de certas manifestações psíquicas se faz necessário a presença de uma instância que se encarregue disso, portadora da



Lei, chamada superego. A ideia de superego se origina em Freud nos idos de 1910 confundindo-se com o de consciência, melhor, ele é considerado uma consciência especial que nasce a partir do recalçamento de ideias sexuais que são consideradas inconciliáveis para a consciência. A consciência especial ameaçada pela pressão da censura exercida pelas pulsões recalçadas sobre as pulsões sexuais geram no ego uma ansiedade que resulta no aparecimento do inconsciente sentimento de culpa. Essa formulação acerca da consciência especial é o berço do que Freud a posteriori nominou de superego. (FREUD, 1910).

A influência crítica dos pais, juntamente com a dos educadores, instrutores e demais pessoas do meio social da criança incitam a formação do ideal do ego, sendo ele o resultado das identificações com essas figuras. A crítica feita por essas figuras institui na criança a consciência moral, que num primeiro momento é externa (estabelecida no discurso dessas pessoas) e depois é internalizada e incorporada passando a fazer parte do mundo psíquico do sujeito. (FREUD, 1920).

Isso ocorre a partir da identificação primária que é mais antiga que qualquer investimento objetal, possui íntima relação com o triângulo edípico² (pai, mãe e filho) e a bissexualidade que é constitucional. O complexo de Édipo é um processo dinâmico, fundador do aparelho psíquico e base para as identificações, postulado por Freud utilizando como referência a tragédia grega escrita por Sófocles, o mito Édipo Rei. A criança inicialmente investe no objeto mãe, escolhendo-a por apoio, pois é aquela que provê os cuidados necessários para a sobrevivência e que é sentida pelo bebê como parte de si mesma enquanto o pai é apreendido por identificação. O desejo da criança pela mãe com o tempo se intensifica e a relação com o pai passa a ser de hostilidade, pois o mesmo passa a ser visto como obstáculo que deve ser eliminado. O desejo pela mãe e a ambivalência em relação ao pai permanece por algum tempo até que ocorre o desmoronamento do Édipo resultando em identificação com um dos genitores, que sofrerá ainda a influência das disposições sexuais de cada indivíduo, ligada à bissexualidade³. (FREUD, 1923).

Como resultado do desmoronamento do Complexo de Édipo tem-se um “precipitado no ego, que conserva sua posição especial, surgindo como ideal do ego ou superego”, Freud (1923, p42). O superego herda não somente a função de advertência, mas também a de proibição, conservando

² Neste trabalho quando se fala de Mãe e Pai não estamos nos referindo às figuras de uma Mãe-mulher ou de Pai-homem, mas sim de pessoas que façam para a criança as Funções materna e paterna, sendo que as duas funções podem ser protagonizadas tanto por uma mulher quanto por um homem, não sendo necessariamente os genitores da criança, podendo ser outras figuras.

³ Freud aponta para o fato de que todas as pessoas, enquanto seres de pulsão, não nascem homens ou mulheres, mas sim com uma orientação bissexual.



o caráter do pai e quanto mais forte for o complexo de Édipo e quão mais rápida foi sua repressão, que ocorre com a influência da autoridade, religião, escola, educação, mais severamente o superego assume o domínio do ego como consciência moral ou inconsciente sentimento de culpa. (FREUD, 1923). Podemos apreender disso a ação da presença real dos mestres, educadores e outras figuras do social, agindo na constituição psíquica do sujeito, ou seja, suas vozes incidindo sobre a criança como discurso social ou educação.

Por constituir uma posição de autoridade, o superego impõe uma renúncia pulsional que dá origem ao sentimento de culpa, em virtude do medo de perder o amor do outro o sujeito vai assimilando essa renúncia através da internalização da coação externa, sendo esse um processo singular, próprio de cada indivíduo, Freud (1927). A renúncia pulsional que o superego impõe incide, dentre outras pulsões, na agressividade⁴, gerando uma tensão entre as duas instâncias, ego e superego, originando a consciência de culpa que aparece como uma necessidade de punição e é desse expediente que a civilização se utiliza para fazer os indivíduos controlarem sua agressividade e poderem se inserir na cultura.

O sentimento de culpa surge quando a pessoa faz algo ou pensou em fazer algo que considera mau, sentimento esse que possui duas origens: “medo da autoridade externa e, depois, o medo ante o superego (autoridade interna)”, Freud (1930, p97). O medo da autoridade externa leva o sujeito a renunciar a satisfação das pulsões, enquanto que o medo do superego leva à tentativa de ocultar os desejos proibidos. Há uma diferença entre o que é mal para o ego e o que é considerado mal pelo social, visto que para o ego mal não é necessariamente algo prejudicial, mas sim algo que lhe gera desprazer, enquanto o social avalia isso a partir de preceitos morais.

Freud destacou o quanto essas relações são complicadas e importantes, propondo uma sequência temporal para melhor compreensão:

“primeiro, renúncia instintual devido ao medo à agressão da autoridade externa – pois isso equivale o medo ante a perda do amor, o amor protegendo dessa agressão punitiva – depois, estabelecimento da autoridade interna, renúncia instintual devido ao medo a ela, medo da consciência. No segundo caso, equiparação de ato mau e má intenção, e daí consciência de culpa, necessidade de castigo”, Freud (1930, p98).

⁴ A agressividade para Freud (1930) trata-se de uma das tantas pulsões que constituem o aparelho psíquico, sendo necessária para a sobrevivência do sujeito, pois trata-se de uma força que lhe coloca em movimento na vida, mas que pode lhe gerar sérios prejuízos quando se encaminha para a destrutividade.



Ou seja, quando da relação entre o sujeito e o outro, na expectativa em ser objeto de amor suas escolhas podem entrar em conflito com seus impulsos pulsionais, gerando um sentimento de culpa. Inicialmente a renúncia pulsional se dá pela intervenção da consciência, porém um processo dinâmico se instaura onde toda renúncia instintual passa a ser fonte da consciência gerando mais rigor e intolerância nesta, exigindo ainda mais renúncia pulsional. (FREUD, 1930).

Freud (1930) atesta que a severidade que o superego pode assumir não é necessariamente a severidade do tratamento que esse recebeu, embora essa também influencie juntamente com outros fatores na constituição dessa instância e na gênese da consciência. Destaca as conclusões de Franz Alexander que analisa o estudo de Aichhorn⁵ acerca da juventude abandonada para quem os dois principais métodos perniciosos da educação são tanto a severidade quanto a tolerância excessivas. Isso significa que uma pessoa que teve uma educação rígida não necessariamente se tornará uma pessoa rígida, visto que para isso outros fatores influenciarão.

Quando o pai é uma figura que se porta de maneira excessivamente condescendente, a criança não tendo alternativas do que fazer com sua agressividade faz com que a mesma se volte para dentro constituindo um superego altamente rigoroso. No extremo oposto, quando uma criança é abandonada e educada sem amor (sem limites) não experimentará a tensão entre ego e superego, obrigando que sua agressividade se dirija para fora, sendo descarregada de forma descontrolada. Ou seja, a severidade do superego tem origem em duas influências conjuntas: “a frustração da pulsão, que desencadeia a agressividade, e a experiência do amor, que volta essa agressividade para dentro e transfere para o superego”, Freud (1930, p102). Essa postulação de Freud nos alerta para um posicionamento que se escuta com frequência na clínica na atualidade, das figuras de autoridade encontrarem-se inseguras quanto aos limites que devem ser impostos à criança, deixando-as solitárias em escolhas nas quais necessitam da intervenção de uma figura de autoridade.

Em suma, o superego se constitui quando, da organização do aparelho psíquico, uma parte do ego se separa dele, não estando presente desde o começo da consciência. Essa parte diferencial, o superego, possui certa autonomia, tem seus próprios objetivos e sua própria energia, sendo dessa forma independente do ego. A base para que isso seja possível é a identificação da criança com as figuras parentais, que é uma operação diferente da escolha de objeto. Exemplificando a diferença entre identificação e escolha de objeto Freud sugeriu como modelo o processo vivido pelo menino

⁵ August Aichhorn, psicanalista austríaco, decidiu se dedicar ao trabalho dentro da pedagogia e aos problemas da delinquência infantil e juvenil. Em 1925 escreveu o livro *Juventude abandonada*, para o qual Freud escreveu o prefácio, Roudinesco e Plon (1997).



que quando se identifica com o pai seu desejo é ser como o pai, em contrapartida, quando o menino faz do pai objeto de sua escolha, ele quer tê-lo, possuí-lo. Na identificação o ego da criança é modificado segundo o modelo do pai e no caso da escolha de objeto isso não ocorre, sendo esses dois processos independentes. (FREUD, 1933a).

O papel que o superego assume na vida do sujeito, inicialmente é exercido pelos agentes externos, ou seja, pelas figuras de autoridade. A influência dos pais governa a criança dando-lhes amor e ameaças de castigo e somente mais adiante no desenvolvimento, com o processo edípico, o superego toma o lugar da instância parental, assumindo as funções de observar, dirigir, ameaçar o ego, assim como faziam os pais. Após a dissolução do complexo de Édipo também ocorrem identificações que contribuem para a formação do caráter do sujeito, porém afetarão apenas o ego, sem influenciar o superego, visto que esse foi determinado pela identificação com as primeiras imagens paternas, Freud (1933a).

Desta forma, o superego é considerado uma evolução da psique humana, a instância que vai paulatinamente internalizando a coação externa, aceitando seus mandamentos, fazendo com que o sujeito se torne um ser moral, social e portador da cultura. Ele se constitui em uma formação substitutiva dos pais que ao longo do desenvolvimento será levado adiante por professores, educadores, mestres e autoridades exercendo censura moral, e durante o percurso de seu desenvolvimento acolhe a voz dessas outras figuras de autoridade que são tomados como modelos ideais, Freud (1933a).

De sua postulação e descrição da função do superego Freud (1933a) pontua um alerta que nos é muito útil no campo da clínica e da pedagogia, a relevância em compreender que no caso da delinquência, as ideologias dos homens não são fruto somente das atuais relações econômicas, visto que a humanidade não vive inteiramente no presente. O passado, a tradição prossegue vivendo nas ideologias do superego e somente lentamente cede às influências do presente, às novas mudanças. Isso significa que quando as escolas lidam com jovens delinquentes possivelmente precisem lançar um olhar para além do que está se manifestando naquele jovem, visto que há um registro histórico via superego.

Concluimos com esse ensaio a centralidade da educação na constituição das instâncias ego e superego, sendo as mesmas juntamente com o id as três instâncias que compõem o aparelho psíquico, conforme Freud (1923). O discurso social (do outro/educação) oportuniza que a criança retire-se de sua vivência autoerótica, solitária, estabelecendo um tanto de recalque da sexualidade, operação essa necessária para a constituição do narcisismo e posterior escolha de objeto. Ou seja, isso permite que o sujeito possa estabelecer relação com o outro, construindo laços sociais, uma vida em civilização e uma relação com a cultura.



REFERÊNCIAS

- Cunha, J. (Org.). (1978). *Dicionário de termos de psicanálise de Freud*. Porto Alegre: globo.
- Freud, S. (1901-1905). (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905a). In *Sigmund Freud, Obras Completas* (Vol. 6). (P. C. de Souza, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1906-1909). (2015). A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno (1908). In *Sigmund Freud Obras Completas* (Vol. 8). (P. C. de Souza, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1909-1910). (2015). Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão (1910). In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 9). (P. C. de Souza, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1911-1913). (2012). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico (1911). In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 10). (P. C. de Souza, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1914-1916). (2010). Introdução ao narcisismo (1914). In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 12). (P. C. de Souza, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1917-1920). (2010). Além do princípio de prazer (1920). In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 14). (P. C. de Souza, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1923-1925). (2012). O eu e o id (1923). In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 16). (P. C. de Souza, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1926-1929). (2014). O futuro de uma ilusão (1927). In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 17). (P. C. de Souza, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1930-1936). (2011). O mal-estar na civilização (1930). In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 18). (P. C. de Souza, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1930-1936). (2011). Novas conferências Introdutórias à Psicanálise, 31. Dissecção da personalidade psíquica (1933a). In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 18). (P. C. de Souza, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1930-1936). (2011). Novas conferências Introdutórias à Psicanálise, 34. Esclarecimentos, Explicações, orientações (1933b). In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 18). (P. C. de Souza, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Lajonquiere, L. de. (1999). Freud, a educação e as ilusões (psico) pedagógicas. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre* (Porto Alegre), (16), 27-38.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1997). *Dicionário de Psicanálise*. (V. Ribeiro, & L. Magalhães, Trad.; Marco A. C. Jorge, Superv. da ed. bras.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.